



EM PALESTRA, ontem, em São Paulo, FH afirmou que a taxa de investimento do governo está aquém das necessidades do país

A matemática conveniente de Fernando Henrique

Prova dos 9 confirma que FH foi mais lento para demitir colaboradores

FABRÍCIO MARTA E JOSIE JERONIMO

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso atirou ontem novas pedras na desgastada cobertura petista. Na opinião de FH, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi lento ao promover a saída do ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci. O ex-presidente ignorou, no entanto, o telhado de vidro tucano, bombardeado por denúncias que envolvem alguns dos principais colaboradores.

– Eu, por muito menos, tirei muitos ministros que não tinham culpa no cartório – ressaltou FH, considerando existirem evidências e “sempre nu-

ma área de falta de correção”.

FH insistiu na ausência de agilidade de Lula depois de tomar conhecimento das primeiras notícias que envolviam Palocci nas reuniões da mansão batizada de República de Ribeirão Preto. Passaram-se 11 dias entre a confirmação do caso sobre a assiduidade do então homem forte de Lula à mansão e a renúncia do ministro.

– É muito grave, uma acusação preocupante. Imagino que o presidente Lula deveria ter agido há muito mais tempo. Fico olhando isso e me pergunto: Onde é que va-

mos parar? Sinceramente, neste momento, meu sentimento como brasileiro é de indignação e preocupação – completou FH.

Ministro de FH foi frito durante sete meses

O calendário não mente na comparação do tempo que permeou a derrocada de Palocci com o desgaste de alguns dos principais assessores de FH: o ex-ministro peemedebista Eliseu Padilha (Transportes), por exemplo, passou longos sete meses sendo frito desde a primeira denúncia que o envolveu com remessas ilegais de recursos para o exterior.

A acusação surgiu em mar-

ço de 2001, mas Padilha só foi afastado por FH sete meses depois. O ex-ministro teria informações sobre o pagamento de dívidas judiciais do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) pelo menos desde 1997. As fraudes no extinto DNER levaram o Ministério Público Federal a denunciar Padilha, o ex-secretário-geral da Presidência da República Eduardo Jorge Caldas Pereira e outros 14 suspeitos, entre funcionários públicos, empresas e lobistas.

No fim das contas, “noves fora”, FH cozinhou Padilha, em banho-maria, por pelo menos 200 dias a mais que Lula em relação à saída de Palocci.

Ministros que caíram durante o governo FH

ELISEU PADILHA

■ Denúncia: 8 de março de 2001. O ex-ministro de Fernando Henrique só caiu em 24 de outubro, mais de sete meses depois. Padilha foi acusado de envolvimento com esquema de remessas de recursos ilegais ao exterior. À época, as investigações assinalavam que o ex-ministro dos Transportes tinha informações sobre o pagamento de dívidas judiciais do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) pelo menos desde 1997.

ÉLCIO ÁLVARES

■ Denúncia: em 12 outubro de 1999 apareceram indícios de envolvimento com o crime organizado. Élcio deixou o governo em 19 de janeiro de 2000. O ex-ministro da Defesa foi acusado de encobrir traficantes no Espírito Santo.

MAURO GANDRA

■ Denúncia: As transcrições dos grampos teriam sido descobertas por FH em 9 de novembro de 1995 e o ministro da Aeronáutica se demitiu no dia 19 de novembro. O ex-presidente do Inca Francisco Graziano teria

ordenado grampo telefônico, que acabou flagrando o então embaixador Júlio César dos Santos ao arquitetar a escolha da empresa que forneceria os equipamentos do projeto Sivam. Na gravação ele cita o nome de Gandra. O embaixador também foi afastado.

MENDONÇA DE BARROS

■ Denúncia: Os grampos teriam sido feitos no dia 28 de julho de 1998, mas a crise só foi deflagrada em 8 de novembro. Mendonça pediu demissão no dia 21, 13 dias depois do início da crise.

Durante a privatização da Telebrás, grampos no BNDES flagraram conversas de Mendonça de Barros, então ministro das Comunicações, e o ex-presidente do BNDES André Lara Resende. Na gravação eles articulavam o apoio da Previ para beneficiar o consórcio do banco Opportunity, que tinha como um dos donos o economista Pêrsio Arida, amigo de Mendonça de Barros e de Lara Resende. Até FH entrou na história. À época, especulou-se que o ex-presidente teria autorizado o uso de seu nome para pressionar o fundo de pensão.